

Revista bioMUSICAL

histórias de vida embebidas pela música

Abidoral Jamacary

Clayvan Dália

Zé Nilton

EDIÇÃO I
Dezembro de 2022
CRATO - CE



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - PRPGP
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – MPEDU

PRODUTO EDUCACIONAL

Revista **bioMUSICAL**

histórias de vida embebidas pela música

Autora

Mabell Sales Batista Pinho

Orientadora

Profª Drª Cicera Sineide Dantas Rodrigues

CRATO-CE
2022

Copyright © Universidade Regional do Cariri, 2022. Reservados todos os direitos desta edição. Proibida a venda e reprodução parcial ou total, sem autorização expressa dos autores.

TEXTO

Mabell Sales Batista Pinho

REVISÃO DE TEXTO

Cicera Sineide Dantas Rodrigues
João Assis da Cruz Neto

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO

Vinícius Pinho

NARRATIVAS

Abidor al Jamacaru
Cleivan Paiva
José Nilton de Figueiredo

FOTOGRAFIAS

Imagens cedidas pelos cantores entrevistados

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Mabell Sales
Michel Leocaldino
Vinícius Pinho

REGISTROS ÁUDIOVISUAIS

Michel Leocaldino
Vinícius Pinho

EDIÇÃO DE FOTOS E VÍDEOS

Michel Leocaldino
Vinícius Pinho

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Pinho, Mabell Sales Batista

P654r Revista bioMusical histórias de vida embebidas pela música / Mabell Sales Batista Pinho. Crato-CE, 2023.

23p. il.

Revista. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Cicera Sineide Dantas Rodrigues

Coorientador(a): Prof.^a Dr.^a Francione Charapa Alves

1.Narrativas (auto)biográficas, 2.História de vida, 3.Abidor al Jamacaru, 4.Cleivan Paiva, 5.José Nilton de Figueiredo; I.Título.

CDD: 370.71

Revista **bioMUSICAL**

histórias de vida embebidas pela música

Autora

Mabell Sales Batista Pinho

ÍNDICE

6 APRESENTAÇÃO

7 CARTA AO LEITOR

HISTÓRIAS DE VIDA EMBEBIDAS PELA MÚSICA

9 OS ARTISTAS CURRICULANTES

16 ALGUMAS CANÇÕES



APRESENTAÇÃO

Este produto educacional em formato de revista digital está vinculado à pesquisa de dissertação intitulada: HISTÓRIA DE VIDA DE CANTORES POPULARES URBANOS DO CARIRI CEARENSE: SABERES CURRICULANTES E DIÁLOGOS POSSÍVEIS COM O ETNOCURRÍCULO, realizada dentro do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (MPEDU-URCA).

Esse constructo nasce com a finalidade de apresentar-se como instrumento de salvaguarda de memórias individuais que se entrecem com a própria história coletiva do território em questão, a partir da escuta das narrativas de vida e das trajetórias musicais de três cantores populares urbanos, filhos da Região do Cariri: Abidoral Jamacarú, José Nilton de Figueiredo e Cleivan Paiva.

O referido material surge também como uma proposta de elucidar a necessidade de pensar a possibilidade de construção de currículos plurais e heterogêneos, a partir das histórias de vida dos cantores e compositores supracitados, lançando luz sobre algumas de suas canções autorais, afirmando esses artistas como importantes produtores de saberes curriculantes.

Nesse produto educacional está contida uma breve biografia dos três sujeitos curriculantes partícipes da pesquisa de dissertação, mostrando diferentes fragmentos das entrevistas narrativas que foram realizadas, contemplando experiências vivenciadas e narradas através de alguns registros fotográficos, cedidos pelos próprios protagonistas, fazendo assim uma volta ao passado. Ao final estão alistadas letras de algumas das canções presentes nos fonogramas dos cantores acima citados.

Aspira-se veementemente que essa produção construída com tanto esmero e cuidado, possa chegar ao maior número de pessoas, em especial aos docentes da educação básica, universidades e demais interessados na temática, no intento de contribuir como referência curricular para as práticas docentes, nos mais diversos espaços educacionais, formais e informais.



CARTA AO LEITOR(A)

HISTÓRIAS DE VIDA EMBEBIDAS PELA MÚSICA

Crato, 01 de dezembro de 2022.

Olá, prezado(a) leitor(a),

Desejo que esteja bem e com saúde!

É com muita alegria que compartilho com você este *produto educacional* em formato de revista digital, fruto da minha pesquisa de dissertação, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (MPEDU – URCA).

Quando perguntam minha profissão ou em qual curso me graduei, costumo sempre dar a mesma resposta: *sou professora, uma pedagoga embebida pela música!* Pois além de docente, também sou cantora. Foi unindo essas duas pilastras, sustentáculos do meu processo formativo que ousei desenvolver uma pesquisa, entrelaçando essas duas grandes paixões.

Nesse *produto educacional*, como fora explicitado anteriormente, você fará uma incursão por momentos vividos e vivenciados das histórias de vida e trajetórias musicais de três cantores compositores, protagonistas e prenunciadores do movimento cancionero do Cariri Cearense. Esse passeio histórico será feito a partir de trechos dos relatos cedidos pelos cantores, além de imagens fotográficas que perpassam alguns dos períodos da linha temporal do trajeto musical desses artistas.

Devo confessar e partilhar com você também que todo esse processo laborioso de pesquisa investigativa, tendo como mote as histórias de vida de cantores, em particular dos que foram escolhidos para protagonizarem essa pesquisa, foi despertando em mim um forte desejo de escutar muitas outras histórias, pois fui convencendo-me, cada vez mais, do quanto nossa história é repleta de significados e representatividade e que ela pode, merece e deve ser contada.

Prontos para juntos embarcarmos nessa empreitada histórica?

É com uma enorme satisfação que convido a este palco narrativo, esses ilustres artistas caririenses, que fizeram e ainda fazem história na cena musical da região... com vocês: Abidoral Jamacaru, Cleivan Paiva e José Nilton de Figueiredo!



E AGORA COM VOCÊS...
OS ARTISTAS CURRICULANTES!



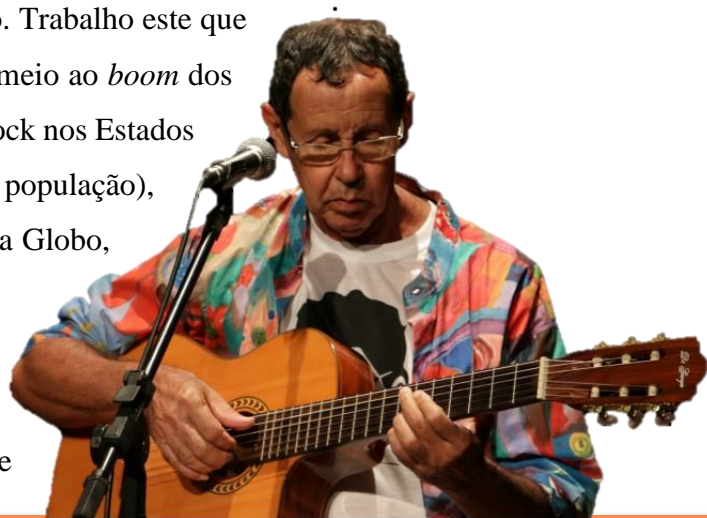
ABIDORAL JAMACARÚ

Natural de Crato, nascido no ano 1948, criou-se tendo por berço a Chapada do Araripe, onde muito banhou-se nos pequenos barreiros, nas cachoeiras, cascatas e nascentes, no decorrer de caminhadas que realizava junto ao pai, a quem também acompanhava, por vezes e a contragosto, no ofício, um comércio localizado no centro da cidade. Foi ali onde teve a oportunidade de conhecer personalidades como Patativa do Assaré e Luiz Gonzaga, fosse quando o poeta deixava seus cordéis no armarinho para ser vendido, fosse quando o cantor ia em busca de alguns dos artefatos musicais seminovos ali comercializados. Por ali, cruzou ainda com figuras como a dupla de emboladores Cajú e Castanha, ainda bem moços, e Cego Zé Oliveira, como ficou conhecido, que com sua rabeça gostava de fazer um pontinho em frente ao local.

Imerso nesse universo, seu inconsciente musical foi sendo atravessado por essas vivências, não obstante manteve um interesse latente pelos assuntos da vida, a natureza, o cosmo, as gentes, sem prender-se esteticamente à escola e às referências que lhe alcançaram na juventude. Na adolescência assistiu o mundo passar por mudanças marcantes, enquanto profetas anunciavam a chegada da Era de Aquário trazendo profundas transformações, conforme conta o próprio artista.

E de fato, mudanças findaram acontecendo, especialmente nas artes, que passaram a sugerir estéticas diferenciadas, mais modernas, com linhas mais irreverentes, o surgimento do rock, e nisso Abidoral seguia sendo atravessado pelo mundo em que estava inserido, e vendo sua cabeça tornar-se um rico caldeirão cultural, um prisma estético que se tornaria assinatura de seu trabalho. Trabalho este que ganharia *status* de ofício só bem mais tarde, em meio ao *boom* dos festivais (festival de San Remo na Itália, Woodstock nos Estados Unidos, até em Bangladesh, esse em benefício da população), que não faria do Brasil uma exceção (Festivais da Globo, da Tupi, da Record).

Enquanto tradições eram transpostas, algumas referências iam sendo firmadas. Em São Paulo, Thiago Araripe representava o Crato e o Cariri e conquistava notoriedade com seu jeito ímpar de cantar, escrever e compor, e



"...foi essa mistura de tudo que resultou meu trabalho"

(ABIDORAL JAMACARU, 2022)



sua projeção ecoava em seu território natal. Nesse mesmo período acontecia o Tropicalismo e a Vanguarda Paulista (de onde surgiram, dessa última, nomes como Arrigo Barnabé e Tetê Spíndola).

Tais ares de vanguarda parecem ter sido inalados por Bida, como é chamado carinhosamente pelos mais próximos, que muito embora

tenha começado a compor a partir do que lhe era mais fácil de fazer, e que por vezes lembrava algum outro artista de maior visibilidade, foi achando uma assinatura inconfundível, a partir, também, da convivência com contemporâneos que “avançava na minha frente musicalmente”, como ele mesmo aponta. “Já tinha o Cleivan, que tocava um instrumento muito bem, tinha o Salatiel, que já tinha uma visão diferenciada de uma música tanto voltada pra a América Latina como voltada também pros movimentos revolucionários, e o grande ídolo dele era o Geraldo Vandré”, relata Abidoral.

Nesse ínterim, Abidoral foi percebendo sua sede de maior liberdade no tocante à composição e seu interesse por uma perspectiva mais abrangente. Foi então, nessa busca, que ele descobre a Bossa Nova, o Jazz, um desbravar que não parou mais.

Não parou mais até porque eu não me deixei levar por regionalismo; nem negando o regionalismo, nem assumindo ele, entendeu?! Mas sim vendo como mais um dos elementos que eu podia ter mais formação musical. Então foi essa mistura de tudo que resultou meu trabalho (ABIDORAL JAMACARU, 2022).

Abidoral chegou a participar de algumas edições do festival realizado em Crato, tendo inclusive vencido parte delas – uma das edições, aliás, “arrastou” quase todas as premiações, incluindo melhor interpretação, melhor letra, melhor música e melhor arranjo. Todavia, viu-se a determinada altura desse capítulo de sua história desgostoso com o distanciamento entre os compositores, que ele sentia que era gerado pelo clima de competitividade inerente aos festivais.

Começa então a viajar para divulgar seu trabalho, tal movimento lhe colocou em uma posição bem diferente dentro do próprio território natal. Com o respaldo e a

confiança conquistados, recebeu um importante apoio de Luiz Carlos Salatiel, que além de compositor também já acompanhava o trabalho de Bida.

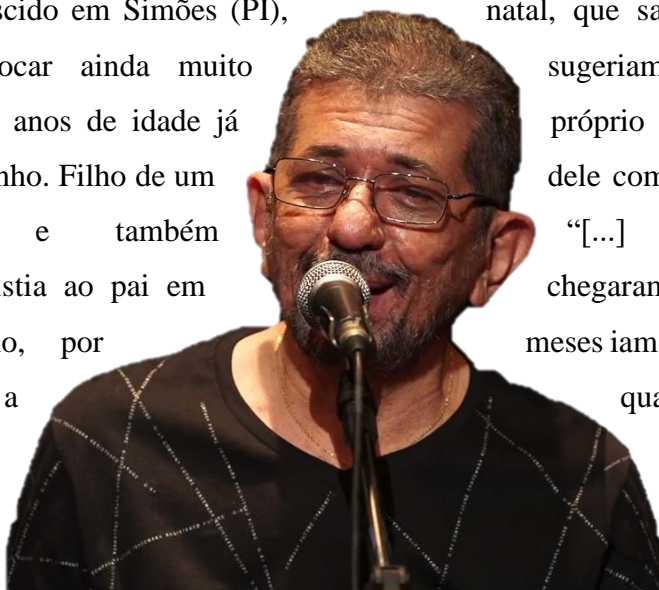
Eu fui tendo uma, como é que se diz, um crédito maior pelo meu trabalho, e foi quando Salatiel que acompanhava o meu trabalho desde pequeno ele resolveu produzir um CD meu. CD naquela época não era CD, era o Vinil que é esse que você tá vendo aqui na capa é o Avalon né? Salatiel foi muito corajoso, porque naquele tempo saia muito caro uma produção sabe, e eu tenho muita gratidão a ele por isso aí. Foi um disco antológico, que marcou foi o início da minha carreira e ainda hoje por ele ter sido muito vanguardista ainda hoje ele é atualizado, todo mundo que escuta... (ABIDORAL JAMACARU, 2022).

Nesse disco estava Flor do Mamulengo, que rendeu relevante projeção tanto para Abidoral como para o compositor Luíz Fidélis. Em sua discografia, constam, além de Avalon (1986), O Peixe (1998), Bárbara (2008) e o mais recente álbum lançado, intitulado Abidoral Jamaru (2018).

Seu segundo trabalho foi lançado em 1998, intitulado O Peixe, e na época foi apontado pelos jornais locais como o melhor disco cearense do ano. Seu terceiro disco foi gravado em 2008, na cidade do Crato, intitulado Bárbara, homenageando a heroína pernambucana, Bárbara de Alencar. Seu trabalho mais recente, leva seu nome e traz canções inéditas.

CLEIVAN PAIVA

Nascido em Simões (PI), começou a tocar ainda muito jovem. Com 4 anos de idade já tocava cavaquinho. Filho de um farmacêutico e também violonista, assistia ao pai em ocasiões como, por exemplo, a passagem de ciganos por sua cidade



natal, que sabendo do musicista, sugeriam, segundo relata o próprio Cleivan, encontros dele com o violonista do clã. “[...] os ciganos que chegaram passavam dois/três meses iam embora, e geralmente quando iam pra Simões levava um violonista, porque sabia que

“A gente vivia num mundo assim de muita arte, o dia a dia era arte, era ouvindo as coisas, [...] e a gente vivia no mundo totalmente ligado na arte”

(CLEIVAN PAIVA, 2022)

tinha meu pai lá e colocava os dois pra tocar, e eu nasci ouvindo ele tocar né?”, conta. Depois do falecimento do pai, seguiu tocando no instrumento que um dia fora do patriarca.

Na infância, ouvia João Gilberto, quando nacionalmente o cenário musical era protagonizado pela Jovem guarda e pelo *rock'n roll*. Regionalmente, as rádios (dentre as quais, algumas transmitidas a partir do território caririense, de Petrolina, de Recife e de Teresina), por conseguinte, os bares difundiam o cancionário popularizado nas serestas, músicas populares que embalavam a vida noturna e a boêmia, a exemplo dos bregas. Enquanto isso, Cleivan seguia ouvindo o único disco que havia em sua casa, conforme relata: “Lá em casa tinha uma vitrola, [...] uma radiola bem antiga, e só tinha um disco, que era um vinil; só tinha um disco, e esse disco era de João Gilberto, e eu era obrigado a ouvir esse disco porque só tinha um”.

Cleivan conta que se deu dos 8 aos 14 ou 15 anos. Mesmo sem entender nada no começo, seguia ouvindo aquela “harmonia diferente”, como aponta. “[...] e aí a música que eu escutava na rua, nos bares com meus colegas eram outra coisa era a música popular e em casa eu só escutava música mais troncha que era o João Gilberto e isso eu acho que foi toda a minha influência”, conta. Levou consigo essa bagagem para Crato, onde foi estudar.

E aí foi no período que começou os festivais de música, eu já era compositor, eu já tinha participado de um festival lá no Piauí com 13 anos de idade, e tinha ganho o festival como solista de guitarra, eu participei de um festival lá como guitarrista e eu já tinha ganho esse festival lá, só que aí quando eu cheguei aqui era diferente porque era um festival de compositor e eu não tinha tanta habilidade para compor. (CLEIVAN PAIVA, 2022).

Em Crato, conhece Roseberg Cariry, com quem começou a compor para os festivais. A história que seguiu foi permeada de fruição de arte. “A gente vivia num mundo assim de muita arte, o dia a dia era arte, era ouvindo as coisas, eu mandava buscar na época livros no Rio de Janeiro pra poder entender alguma coisa, discos, e a gente vivia no mundo totalmente ligado na arte”, lembra Cleivan.

Os festivais do Crato se mostraram oportunos para o jovem violonista, que por desdobramento dessas vivências, partiu para São Paulo, onde concorreu com grandes nomes da história da música popular brasileira, como Oswaldo Montenegro, Dominginhos e Arrigo Barnabé, e onde teve a chance de tocar com figuras como Jards Macalé e Roberta Miranda.

Em relação aos seus fonogramas, Cleivan gravou três discos, os dois primeiros em formato de vinil e o último e mais recente, em formato de CD. Seu primeiro

disco foi intitulado *Guerra e paz*.

Guerra e Paz... tem aquele é um escritor né russo que tem um, ele tem uma publicação sobre Guerra e Paz então a gente tinha sentimentos assim apenas sentimento a gente não faz participava de movimento assim específico em termos do comunismo né, a gente era fã desse negócio do comum. Guerra e Paz eu acho que foi uma maneira, foi uma maneira mais forte da gente representar um pouco mais essa ideia de igualdade nossa, não sei nem se tá bem certo ou errado, mas é uma coisa que a gente defendia [...] (CLEIVAN PAIVA, 2022).

Nos discos seguintes, chamados *Cleivan Paiva* e *Cleivan Paiva: sonhos do Brasil*, o artista continua a mostrar sua sonoridade particular através de invenções melódicas permeadas pelo Jazz. Apesar de ter tido algumas oportunidades de gravar suas músicas por grandes gravadoras, de nível nacional, o cantor continuou primando pelo seu trabalho singular, feito de acordo com suas influências musicais, sem se curvar à máquina capitalista das grandes empresas fonográficas, onde tudo acaba girando em torno da arrecadação de capital, fazendo, muitas vezes, com que o artista perca sua identidade musical para tocar o que é considerado mais rentável. Sobre isso, Cleivan fala: “*Vou seguir na minha estrada desse mesmo jeito até morrer, não vou mudar, não mudei e continuo...*” (CLEIVAN PAIVA, 2022).

JOSÉ NILTON DE FIGUEIREDO

José Nilton de Figueiredo (conhecido como Zé Nilton) é natural do Crato – CE.

Nasceu em 23 de agosto de 1950. Teve influência musical desde tenra idade através dos seus avôs paterno e materno. Seu avô paterno

morava no sítio, era músico e tocava rabeca, além de poeta, que faleceu aos 96 anos. O seu avô materno morava na cidade e também era poeta. O professor Zé Nilton relatou a importância de crescer tendo essas duas balizas, a poesia e a música.

Desde os 7 anos, mora no bairro Lameiro, aos pés da Chapada do Araripe. O mesmo narrou também que quando era criança, seu pai gostava de tocar violão e escutar rádio. Ele se lembrou de quando fi-



“...um dia, eu tinha 12 anos, tava carregando água [...], eu me assustei que eu ia descendo, o jumento na frente e eu atrás assobiando, [...] e via que tinha uma pessoa; essa pessoa era o padre Ágio Augusto Moreira”
(ZÉ NILTON, 2022)

cava junto a sua família escutando as músicas tocadas na época ao redor de uma velha radiola. Quando pequeno Zé Nilton teve suas primeiras aulas de música com o Padre Ágio Augusto Moreira, fundador da Sociedade Lírica do Belmonte – SOLIBEL.

Em 1963, Zé Nilton fez parte de um quarteto musical, quando tinha apenas 13 anos de idade. O quarteto fez seu primeiro concerto no Hospital São Francisco de Assis, no natal daquele ano. Depois disso, o grupo aumentou, entrando outros integrantes e continuaram fazendo outras apresentações, sob a regência e orientação do Pe. Ágio.

Parte de sua trajetória musical foi construída a partir da influência das obras de Chico Buarque de Holanda, várias composições de Zé Nilton rememoram as composições do conhecido artista nacional. Inclusive, seu primeiro disco intitulado *De onde olho* foi feito e dedicado a Chico Buarque.

Zé Nilton também foi um dos artistas, compositores fundantes dos festivais da canção que aconteceram nas cidades de Crato e Juazeiro, nos anos de 1970 e 1971, chegou a integrar também o corpo de jurados de uma das edições do Festival, que na época, aconteciam na Quadra Bicentenária (antigo parque da cidade).

Em meados dos anos 70, Zé Nilton viajou para o Rio de Janeiro para estudar Teologia e se tornar padre. Nessas idas e vindas, ele acabou conhecendo Cristina, com quem se casou, desistindo assim de se tornar padre. Morando no Rio de Janeiro, decidiu cursar Ciências Sociais. Durante sua trajetória acadêmica, ele foi convidado a ficar como coordenador cultural da UERJ. Naquele tempo, no auditório da referida universidade era gravado o Programa Som Brasil, apresentado pelo cantor e compositor Mario Lago. A partir desse trabalho, Zé Nilton teve a oportunidade de conhecer diversos artistas nacionais da cena musical.

Nos anos 90, foi para Recife cursar mestrado em antropologia. Entre outubro de 2005 e setembro de 2006, gravou seu segundo disco, chamado *Música a contrapelo: citações da modernidade*, sobre esse disco, Zé Nilton o descreveu: “arrajos bem elaborados, sem melodramas e paroximos, na medida do compasso sincopado do artista”.

Mesmo estando longe dos palcos, o cantor deixou sua marca na história da música cariense e continua a viver a música da sua maneira, ecoando suas vivências, histórias e percursos musicais forjados pelo tempo.





CANTADOR, FAZ ESSE MOTE PRA MIM...
LETRAS DE ALGUMAS CANÇÕES DOS CANTORES ENTREVISTADOS



Cariri (o hino)

Abidoral Jamacaru

Avalon (1986)

O sol brilhou no Cariri
As cachoeiras no canto das águas
A me encatar
O canto que encanta o sopé
Canta a chapada
Canta o sol, canta Cariri
Bela menina, vestido bordado
Raios de sol
Canta o velho, canta o novo
Moça nua, canta a lua
E eu canto como se o céu fosse aqui
Pois tenho o aconchego dos teus braços
Te amo Chapada
Te amo Cariri

O peixe

Abidoral Jamacaru/Patativa do Assaré

Avalon (1986)

Tendo por berço o lago cristalino
Folga o peixe a nadar todo inocente
Medo ou receio do porvir não sente
Pois vive incauto do fatal destino
Se na ponta de um fio longo e fino
A isca avista, ferra a inconsciente
Ficando o pobre peixe de repente
Preso ao anzol do pescador ladino
O camponês, também, do nosso estado
Ante a campanha eleitoral, coitado!
Daquele peixe tem a mesma sorte
Antes do pleito, festa, riso e gosto
Depois do pleito, imposto e mais imposto
Pobre matuto do sertão do Norte

Vida

Abidoral Jamacaru

Bárbara (2008)

Coabitamos o mundo
Eu a pantera e a corsa
Tu o tatu e o guará
Ele e a acácia de cacho,
Nós e o perfume da flor
Vós suspirando com vida
Eles girando na terra
Sentindo o calor que emana
Do hálito do criador
Vida, vida, vida...
Tremula a bandeira que diz
Vivemos na mesma guarida
A lua que lambe meu rosto
É a mesma a luzir tua boca
E ainda rodamos ao sol brilhando
Com vida, vida, vida...
Havemos da mesma estrela
Sorvemos a mesma energia
A mesma é a gravitação
Também é a tridimensão
E ainda rodamos ao sol
Brilhando com vida
Vida, vida...

Pra ninar o Cariri

Abidor al Jamacarú/Tiago Araripe

Avalon (1986)

O sol doura o cume verde
Da chapada do Araripe
Sonolenta a tarde cai
Noite vem ninar o Cariri

Dorme o canavial
Marmeleiro, Piquizal
E as palmeiras de coco babaçu

Cores, claros urubus-rei,
Vim-vim, jacú, caboclo lindo
Zabelê, cigarras, papa-vento,
Guachinins, rolinhas
Cascavel, guará, já vão dormir

Repousa o camaleão
Borboleta, gavião
Fecha a folha o malisal
Dorme em paz criança e ancião

Vou no vento

(Abidor al Jamacarú/Claudia Rejane)

Bárbara (2008)

Ó maninha eu vou no vento
Pra chapada do Araripe
Vou fazer uma cantiga
Vou passear por ali

Adentrar naquela fresta
Que os espíritos da floresta
Deixaram no Cariri

Trago a sede de esperança
E um baú pra colher paz
Quero ver na mata a dança
Cada habitante de ti

Será um irmão a mais
O teu chão será meu pai
E a floresta minha mãe

Mais tarde, mais forte

(Abidor al Jamacarú)

Bárbara (2008)

Tudo tem tempo de ser
E quando um grito custa a nascer
Se atira além do horizonte
Viaja nos quatro ventos

Estala que nem chicote
Ressoa muito pra pouco chão
Dói, lateja, explode
E voa sem direção

Dói na canção, dói no refrão
Tem força de água de cheia
Que cai no mar e passeia

Tem madrugada morrendo
Hey, tem aurora raiando
Tem noite parindo o dia
Hey, novo dia sangrando

Nato Cantador

(Cleivan Paiva e Rainério Ramalho)

Sonhos do Brasil(1997)

Desde menino
que eu tenho esse destino
de cantar tudo que sinto
canto alegria e dor

Meu pai falou
do sobe e desce do caminho
feito de pedras espinhos
sem esperança de flor

Letra por letra
descobri meu alfabeto
sem um professor por perto
me formei pra cantador

Deixei o Nordeste
mesclando saudade
pra voltar mais tarde
e rever o meu amor

Saio cantando
nos lugares desse mundo
só Deus sabe do meu rumo
eu vou no prumo, eu vou com fé

Sigo levando
a viola a tiracolo
lhe abraçando
como se abraça a mulher

Corda com corda
cada acorde acorda um sonho
de um moço tão medonho
que bem sabe o que, que quer

Sonhei com Rio
São Paulo tão frio
me deu seu estio
me aplaudiu de pé

No Rio de Janeiro
eu cantei pro Cristo redentor
no Rio de Janeiro
eu toquei pro Cristo redentor cantar

a minha canção lhe encantou
e eu cantador me vi tão feliz
cheguei onde quis
ganhei o país
meu país

Águas do Cariri

(Stênio Lima e Cleivan Paiva)

Sonhos do Brasil(1997)

Eu vou vivendo a minha vida nesta estrada
É dessas águas que eu gosto sim
Por onde eu ando não me acostumo
Eu gosto mesmo é de viver aqui
É dessa terra que eu vejo tudo
Que acontece em outras regiões
Noutras cidades, em outros países
Eu acho que não é melhor do que aqui não
Quer me conhecer, venha pra cá
E em águas verdes se banhar
Quer me namorar venha para aqui
Venha conhecer o cariri

No Coração

(Cleivan Paiva e Gilmara Targino)

Sonhos do Brasil(1997)

Sou tocador o ano inteiro
Sou violeiro rei do sertão
Sou tocador no Rio de Janeiro
Também no estrangeiro
No mês de São João
A minha sina é vida ou morte
Correr na sorte deste chão
A minha vida vive nos teus olhos
Nos teus sonhos e nesta canção

No coração já fui ferido
Amor perdido, desilusão
É dor que arde

Que vai matando a gente
Veneno de serpente
Não tem mais cura não
A minha sina é vida ou morte

Correr na sorte deste chão
A minha vida vive nos teus olhos
Nos teus sonhos e nesta canção

Crato

(José Nilton)

De Onde Olho (2000)

“Crato meu torrão adorado
Crato que saudades de ti”
Crato teu fascínio é teu garbo
Crato que saudades de ti

Saudades das noites tão boas
Sob a lua que desce à serra
Pra abençoar as cascatas e rios
Que banham teu corpo e nutrem teu chão

Saudades das noites atoadas
Pelas ruas tão cheias de graça
Vento frio soprando esperança
E um cheiro de doce adoçando o teu ar

Nessa terra há lugar para os homens
Que acreditam e lutam por ti
Terra minha onde amei
E sonhei e cresci e vivi

Que saudades do Crato...

(Meu torrão adorado,
Crato, eu já ti compreendi...)

Carteira de Identidade

(José Nilton/Ana Cecília)

De Onde Olho (2000)

Em minha face o passar dos anos é
um exercício de apagar marcas.

Este rosto sou eu
Esta placidez sou eu
Sem história sem contorno,
Sem vincos quase
A fotografia me diz sou eu
Mas não sou eu esta

A imagem que conheço é pessoal,
tensa, contrátil.
Sou eu mesma todos os sinais
em luta que estariam
Impressos no avesso da argila
que moldasse o meu rosto.
Aquele que não posso despir.
No avesso da fotografia, tenho mil anos.

Serrana Bela

(José Nilton)

De Onde Olho (2000)

Sai de mim
E segue a sua viagem
Sai de mim
Desfaz minha tatuagem
Sai de mim
E põe a sua bandagem
No que ficou no que ficou
No que ficou
Sai de mim
Sai de mim
Vem pra mim

E para lhe presentear
Trouxe a flor do bugari
Serrana bela
E para me facilitar
Trouxe o gosto do pequi
Serrana bela

Eu passo a vida lhe
Esperando
Lá na mangueira
Onde deixamos cativar o
Coração
Saboreando a fruta doce da
Estação
Onde eu peguei na sua mão

Vem pra mim acaba a minha
Estiagem
Vem pra mim
Conserta a minha paragem

Traz pra mim
O que puder na embalagem
Do que ficou do que ficou e
que o que ficou
Não tem fim
Não tem fim
Não tem fim

Via Crucis

(José Nilton)

Música a Contrapelo (2006)

Desceu pelo rabo da gata
Vinha lá do Cafundó
Aí pensou em Chico Curto
Anduia e Pangaré
Embriagado de passado
Sentou na Praça da Sé

Aí lembrou de Antonieta
Lembrou de quando teve amor
E um pouco de felicidade
Na cidade que passou

Pelo beco do Pe. Lauro deu na ponte S. José
Aí falou de Chico Curto. Anduiá e Pangaré
Sua cabeça na lembrança vai na bola e faz o gol

Aí rolou pela sarjeta e acordou mais Zé
Ninguém
- "Não foi meu chapa essa cachaça
É que lembrar não me faz bem"

Aí subiu o Seminário
Boas e poucas aprontou
Gastou metade do salário
No samba de dona Dodô

Aí desceu pelas Cacimbas
Pra saber de seu milhar
O bamba manco lá da banca
Esqueceu-se de marcar
E foi aquele bate-boca
E muito rolo pelo chão

Aí se viu numa mutreta
Logo tratou de dar no pé
Quando chegou na Batateira
Você sabe como é...

O Belchior foi disparando
Pulou o muro do bordel
Já ia quase se safando
Mas seu destino foi cruel

Entrou debaixo da carreta
Morreu o pobre jogador
Eu conheci quando menino
Esse grande goleador

De Lendas e Cantigas

(José Nilton)

Música a Contrapelo (2006)

Diz que a Mãe d'água flutuando
Pelas águas do Umari
Flore suas tranças
E faceira inda espera o bem-te-vi

Conta que a noite céu de prata
Tece luz sobre a Mãe d'água
Que entre soluços, só num canto,
Titubeia sua mágoa

E quando o dia amanhece
Ela volta a espiar
Nas águas claras, que silêncio
Seu amor não quis chegar

O tempo fecha nos seus olhos
Cai a chuva no Umari
E toda natureza foge
Foge índio Cariri

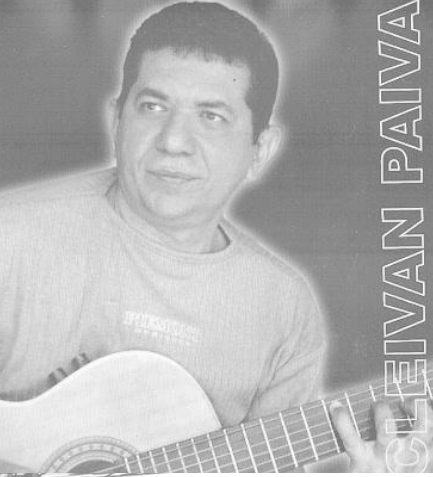
"E a todo mundo eu dou psiu!"
Perguntando
Quem alenta minha dor

Tenho o coração vazio
Desde quando
Ele foi e não voltou



ABITORAL JAMACARU

AVALLON



CLEIVAN PAIVA



DE ONDE OLHO

JOSÉ NILTON DE FIGUEIREDO



PARA
CHICO BUARQUE DE HOLANDA



música a contrapelo
ZÉ NILTON



O Peixe



Abidoral Jamacaru



NOSSO CANTO EM OUTROS CANTOS



disponível em

